

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de  
Algum Léxico Gastronómico Português**

---

## **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de Algum Léxico Gastronómico Português**

FÁTIMA MARÍLIA GÓIS DE SOUSA

Mestranda na FAH-UMa | Linguística: Sociedades e Culturas

**Resumo:** O Português é a quinta língua com um maior número de falantes no mundo, sendo falada em oito países distribuídos por quatro continentes: língua nacional de Portugal e do Brasil, língua oficial de Angola, de Moçambique, de S. Tomé e Príncipe, da Guiné-Bissau, de Cabo Verde e de Timor Leste (MATEUS, 2008). Tendo em conta esta realidade, nesta breve investigação iremos analisar qualitativamente a variação geográfica e sociocultural de algum léxico gastronómico português. Através de uma pesquisa feita por meio de um inquérito, pretendemos verificar se existem semelhanças, ou não, relativamente ao léxico gastronómico usado na ilha da Madeira e em outros pontos geográficos e socioculturais, onde a Língua Portuguesa é falada.

**Palavras-chave:** Variação geográfica e sociocultural; Léxico gastronómico Português; Português Europeu (PE); Português do Brasil (PB); Português Africano (PA).

**Abstract:** Portuguese is the fifth language with a larger number of speakers in the world, is spoken in eight countries distributed across four continents: is the national language of Portugal and Brazil, and the official language of Angola, Mozambique, S. Tomé and Príncipe, Guinea-Bissau, Cape Verde and East Timor (MATEUS,2008).Taking into account this reality, in this brief investigation we will qualitatively analyze the geographic and sociocultural variation of some Portuguese gastronomic lexicon. Through a survey, we intend to verify whether there are similarities, or not, on the gastronomic lexicon used in the island of Madeira and in other geographic and sociocultural points, where the Portuguese language is spoken.

**Keywords:** Geographic and sociocultural variation; Portuguese gastronomic lexicon; European Portuguese (PE); Brazilian Portuguese (PB); African Portuguese (PA).

### **Introdução**

A evolução da Língua Portuguesa está profundamente ligada a fatores históricos, geográficos e socioculturais. Como “todas as línguas, o português foi enriquecendo e mudando ao longo da sua história em contacto com outras línguas próximas e afastadas” (MATEUS, 2005: 2). Podemos distinguir quatro períodos na sua evolução (MATEUS, 2005: 3): “o português antigo, desde os primeiros documentos escritos em português até ao fim

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de  
Algum Léxico Gastronómico Português**

---

do século XIV; o português médio, durante o século XV; o português clássico, até meados do século XVIII; o português moderno, a partir do século XVIII”.

A difusão da Língua Portuguesa pelo mundo foi uma das consequências dos descobrimentos portugueses (séculos XV e XVI). É neste período que ela sai do continente europeu e se torna na “língua de expansão cuja difusão ocorria naturalmente no trato do comércio, na dominação dos escravos, na construção do império” (MATEUS, 2008:1). Nos territórios abrangidos pela expansão portuguesa, a língua é mais um instrumento de domínio e poder sobre os povos colonizados, fez parte de um processo socio-histórico que envolveu conflito e violência. A língua tornou-se um legado dos portugueses nos territórios colonizados (como por exemplo no Brasil, em Angola, em Moçambique, em S. Tomé e Príncipe, na Guiné-Bissau, em Cabo Verde e em Timor Leste) e foi um dos principais instrumentos na construção do império ultramarino português (CASTRO, 1993). Na Europa este é “um período importantíssimo na evolução da língua portuguesa, em que esta atinge um estágio muito próximo do português atual, em particular no plano fonético-fonológico” (HOLT, 2016, *apud* citado por BANZA & GONÇALVES, 2018: 37).

O facto de o Português ser uma língua viva torna-a dinâmica e permeável a circunstâncias históricas, geográficas e socioculturais que levam à ocorrência de fenómenos de mudança e variação (CASTRO, 2004). Considera Castro que “A geografia de uma língua reflecte a geografia política e humana da nação que a fala. Mas é uma geografia projectada no tempo, que permite descobrir realidades que já não estão à vista” (CASTRO, 1993: 25).

No âmbito da variação diatópica da Língua Portuguesa, realizámos este breve estudo sobre algum léxico gastronómico Português, com o propósito de testar um pequeno *corpus* lexical gastronómico, contendo regionalismos da ilha da Madeira, em diversos pontos geográficos onde o Português é falado. Pretendemos investigar, através da aplicação de um inquérito, quais são os fatores sociolinguísticos que mais contribuem para a variação lexical, observar em que regiões ocorre a variação dos vocábulos que constituem o *corpus* e analisar comparativamente e qualitativamente a variação lexical ligada à gastronomia.

Este trabalho apresenta um breve enquadramento teórico, desenvolvendo alguns conceitos pertinentes para este estudo. Segue-se a metodologia de trabalho, onde são referidos os métodos de pesquisa, recolha e tratamento dos dados linguísticos. Na análise

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de  
Algum Léxico Gastronómico Português**

e discussão dos resultados, são descritos os elementos recolhidos nos inquéritos, é realizado o estudo qualitativo e a discussão dos dados. No final, são expostas as principais conclusões, tendo em conta os objetivos da investigação.

### Enquadramento teórico

A Língua Portuguesa, consoante o espaço geográfico onde é falada (imagem 1), apresenta variações, quer nos territórios onde é a língua nacional, quer nos territórios onde foi adotada como a língua oficial (MATEUS, 2005). Importa distinguir língua nacional, no caso de Portugal e do Brasil, onde a Língua Portuguesa é usada pela maioria dos habitantes no quotidiano e oficialmente, de língua oficial, assim designada por ser usada em situações oficiais e públicas (meios de comunicação social, instituições públicas, sistema de ensino), como acontece com o Português em Angola, em Moçambique, em Cabo Verde, na Guiné-Bissau, em São Tomé e Príncipe e em Timor-Leste. Nestes países, diversas línguas nacionais coexistem com a língua oficial, o Português.

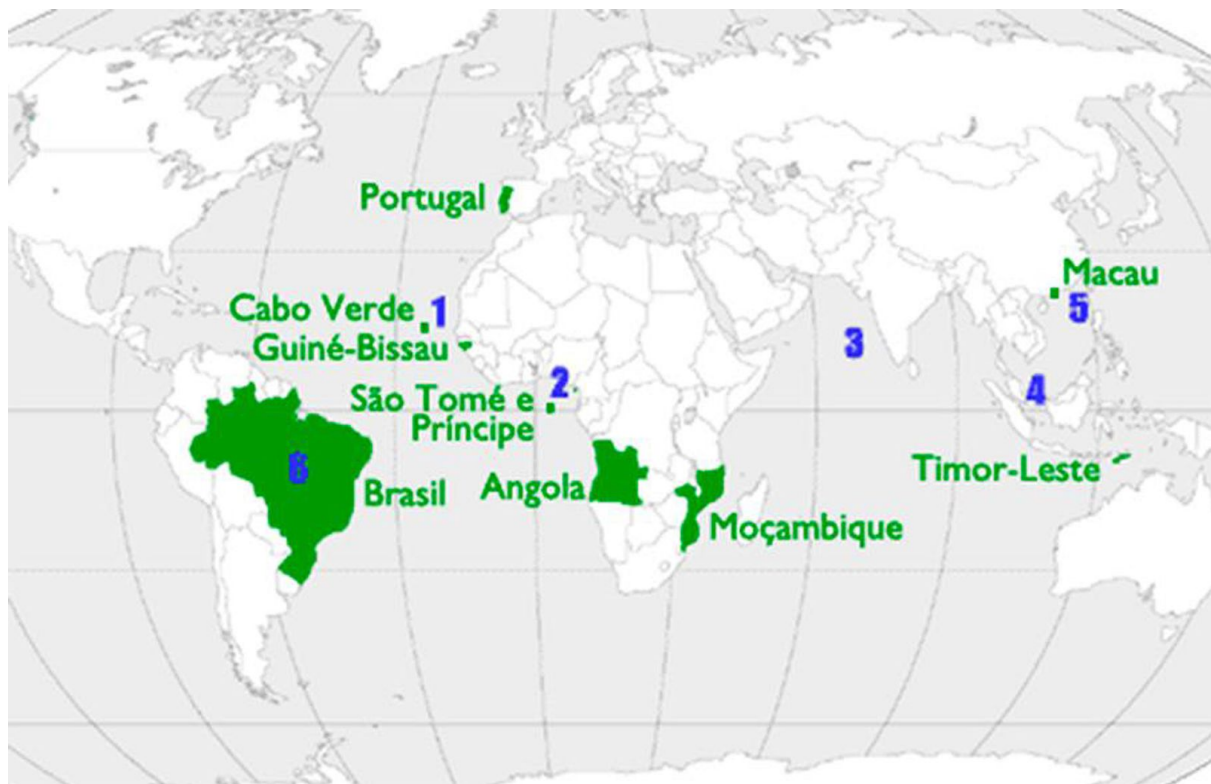


Imagem 1: Distribuição geográfica da Língua Portuguesa e dos crioulos de base portuguesa

Fonte: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/geografia/index.html>

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de  
Algum Léxico Gastronómico Português**

---

Dentro de cada país onde a Língua Portuguesa é falada, ela apresenta uma norma padrão (o Português ensinado na escola), e variação regional ou geográfica, a par de variação social. A norma rege, unifica e estabiliza a língua, “é necessária como referência da produção linguística e como garante da aceitabilidade de um certo comportamento no contexto sociocultural em que estamos inseridos” (MATEUS, 2005:15). As instituições de ensino, por serem espaços que permitem o acesso a todos os níveis linguísticos, e o linguista, “a quem compete estudar e analisar, conhecer e compreender o funcionamento da língua” (MATEUS, 2005: 17), são importantes para definição da norma e para compreensão e aceitação da variação.

Dentro do conceito de norma encontramos diversas noções, “língua formal, língua culta, língua oficial, língua padrão, linguagem formal, modalidade culta, padrão culto, padrão formal, português padrão, uso culto, variação padrão, variedades de prestígio, etc.” (SOUZA, SIMIONI & BOPP DA SILVA, 2018: 31-32). Podemos dizer que a norma culta é sobretudo usada pelas camadas sociais mais escolarizadas, é o “modelo ideal” de uso da língua (BANZA & GONÇALVES, 2018). Regra geral, a norma culta coincide com uma variedade geográfica. No caso da Língua Portuguesa, na sua variedade europeia, essa zona está situada no litoral centro de Portugal, entre Lisboa e Coimbra (BANZA & GONÇALVES, 2018).

A variação é um fenómeno próprio de qualquer língua viva, pois é através da variedade dialetal que podemos constatar a “dinâmica evolutiva e diversificante que torna qualquer língua resistente à normalização” (MARTINS, 2003: 1). Outro fator de variação e mudança linguísticas é o contacto com outras línguas e com outras realidades sociais, culturais e políticas, causa extralinguística que provoca alterações internas na língua (MATEUS, 2005).

Os fenómenos de variação e mudança relacionados com as características sociais da comunidade de falantes são classificados como variação social ou variação diastrática. Quando a variação decorre do espaço geográfico, é classificada de geográfica ou diatópica, enquanto a variação cronológica ou diacrónica está ligada ao percurso histórico e temporal da língua (CASTRO, 2004). Castilho (1972-1973) expõe a variação do Português da seguinte forma:

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de  
Algum Léxico Gastronómico Português**

---

O fenómeno da variação lingüística — matéria apenas afluída no parágrafo anterior — acarreta ainda novas perplexidades. Com efeito, se há uma variação temporal que nos leva em nosso caso ao português arcaico, ao português clássico e ao português moderno; há uma variação espacial que nos leva ao português continental, ao português insulano, ao português do Brasil e respectivos falares; uma variação sociocultural que nos põe diante do português culto e do português popular, e, finalmente, uma variação individual que nos conduz ao português coloquial, ao português formalizado e ao português das distintas faixas etárias.(CASTILHO,1972-1973: 117)

A área da dialetologia "estuda as diferenças regionais de uma língua, ou **dialetos**, e procura descobrir e descrever as suas características" (BAZENGA, 2016: 4 ). Segundo Bazenga, os dialetos coexistem no "uso de uma mesma língua" (BAZENGA, 2016: 5), distinguem-se entre si pelas suas características fonéticas, sintáticas e lexicais, e cultural e socialmente não têm o mesmo estatuto da norma padrão, que geralmente corresponde à variedade falada na capital do país.

Atualmente, um dialeto ou variedade geográfica de uma língua não é considerado uma forma desprestigiada de falar o Português, sendo visto como uma característica que associa o falante a uma determinada região (MATEUS, 2005). Assim, partimos da realidade do Português falado na Madeira, nomeadamente de aspetos socioculturais da gastronomia, para testar o conhecimento, significado e uso de alguns vocábulos no espaço da lusofonia.

No que se refere à norma do Português do Brasil (PB, daqui em diante) , no início da colonização, o número de nativos daquele território era muito superior ao número de portugueses, e é nesta altura que o Português Europeu (PE, daqui em diante) do século XVI entra em contacto "com a língua falada pelos habitantes da terra recém-descoberta"(MATEUS, 2008: 2). Quando se inicia o tráfico de escravos para as Américas, começa-se a usar o "português como forma de comunicação entre senhores e escravos" (MATEUS, 2008: 2). A partir daqui, vários acontecimentos históricos entre os séculos XVII e XIX, como a intensificação da emigração portuguesa para o Brasil e, já no século XIX, a "transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro" (MATEUS, 2008: 2), contribuíram para o enfraquecimento do domínio das línguas maternas dos nativos nesse território americano e o Português foi-se impondo como língua oficial e nacional (MATEUS, 2008).

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de  
Algum Léxico Gastronómico Português**

---

A variedade dialetal reflete a grande diversidade geográfica e cultural do território brasileiro (TEYSSIER, 2001). Ao nível do vocabulário, o PB possui elementos lexicais com origem tupi, sobretudo na flora (mandioca, maracujá, jacarandá), na fauna (urubu, piranha) e na toponímia (Carioca, Tijuca). Teyssier menciona a importância das línguas africanas dos escravos na formação das variedades brasileiras da língua portuguesa:

duas línguas africanas tiveram um papel particularmente importante no Brasil: o ioruba (falado atualmente na Nigéria) e o quimbundo (falado em Angola). O ioruba está na base de um vocabulário próprio da Bahia, relativo as cerimónias do candomblé (por ex.: orixá) ou a cozinha afro-brasileira (ex.: vatapá, abará, acará, acarajé). O quimbundo legou ao Brasil um vocabulário mais geral, quase sempre integrado a língua comum (ex.: caçula, cafuné, molambo moleque). (TEYSSIER, 2001: 71-72)

Em África, a Língua Portuguesa sobreviveu à descolonização do século XX, mas a sua situação é diferente da do Brasil (TEYSSIER, 2001). Como refere Mateus (2008: 3), “a língua portuguesa oficial é uma opção política, uma atitude nacional e tem, no momento presente, uma estreita ligação com a sobrevivência dos territórios como países independentes”. Porém, a Língua Portuguesa em África “teve o papel de língua de subjugação cultural” (MATEUS, 2008: 2). Oficialmente, o Português Africano (PA, daqui em diante) segue a norma do PE, mas no uso oral ele se distancia do PE e em alguns elementos ele se aproxima do PB (TEYSSIER, 2001).

Do contacto, em África, entre o Português e as línguas africanas, surgiram os crioulos de base lexical portuguesa: “os crioulos portugueses da África, bastante diferentes entre si, resultam da completa reestruturação do português do qual se formaram. Essa reestruturação é, aliás, menos forte nas ilhas de Cabo Verde do que na Guiné e em São Tomé e Príncipe. Tais crioulos, hoje, são portugueses apenas pela sua base lexical.” (TEYSSIER, 2001: 78). Isto explica o facto de podermos falar em PA, visto existirem muitas características linguístico-culturais comuns aos PALOP.

### **Metodologia de trabalho**

Com o objetivo de delimitar esta breve investigação foi escolhida uma área sociocultural específica: a gastronomia. Esta opção, por ser abrangente e transversal ao nível social, geográfico e cultural, permite uma amostra mais rica e equitativa, evitando

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de  
Algum Léxico Gastronómico Português**

---

limitações sociolinguísticas. A gastronomia é tratada como uma herança cultural e social, sobretudo a gastronomia tradicional, que ao ser passada de geração em geração favorece a conservação de formas linguísticas importantes para o estudo da variação geográfica e sociocultural do léxico português.

Para realizar este estudo, foi necessário criar um pequeno *corpus* lexical para ser testado junto dos informantes, através de um inquérito por questionário (apêndice 1). O primeiro ponto do inquérito foi elaborado de modo a obter o perfil sociolinguístico, fundamental para este estudo, pois será sob uma perspetiva sociolinguística que será realizada a análise qualitativa dos dados recolhidos. No segundo e terceiro pontos, as questões estão relacionadas com o léxico gastronómico testado e a sua variação.

Pretendemos que os informantes, através de questões rápidas e intuitivas, dêem respostas o mais espontâneas possíveis ao questionário, pois isso permite recolher dados linguísticos mais próximos da realidade. As questões foram colocadas por escrito, algumas com o recurso a imagens, para facilitar aos informantes a identificação lexical de alguns elementos do *corpus*. No caso das questões sobre bebidas, optámos por um enunciado com a descrição verbal das mesmas para não suscitar dúvidas e não induzir a respostas erradas.

Na amostra, tentámos abranger informantes naturais da Madeira, de Portugal continental, dos Açores, de Angola, de Moçambique, de Cabo Verde, da Guiné-Bissau, de Timor-Leste e do Brasil. No entanto, dado o tempo limitado para realizar o estudo e a dificuldade em encontrar informantes das várias proveniências, não foi possível aplicar o inquérito de forma a cumprir esse objetivo.

Foram recolhidos 18 inquéritos válidos, 6 de informantes de PE, 6 de informantes de PB e 6 de informantes de PA. Os informantes foram codificados da seguinte forma: IPE1 (I- informante; PE- Português Europeu; 1- ordenação por idade, do mais velho para o mais jovem), IPB1 (I- informante; PB- Português do Brasil; 1- ordenação por idade, do mais velho para o mais jovem) e IPA1 (I- informante; PA- Português Africano; 1- ordenação por idade, do mais velho para o mais jovem).

### **Análise e discussão dos dados**

Para esta investigação usámos alguns elementos lexicais que caracterizam e distinguem o dialeto madeirense. Utilizámos no inquérito regionalismos madeirenses ligados à gastronomia para serem testados junto de falantes provenientes de outras regiões onde a Língua Portuguesa também é utilizada.

O quadro 1 reúne os dados sociolinguísticos dos 18 informantes que compõem a amostra desta investigação. A amostra não é equitativa relativamente às faixas etárias, sexo e nível de escolaridade. A maioria dos informantes tem idade superior a 35 anos, o informante mais jovem tem 22 anos e o mais velho tem 73 anos. A maior parte é do sexo feminino e possui formação superior (licenciatura, mestrado, doutoramento), com destaque para os informantes de PB, em que só IPB02 não tem formação superior.

Os informantes de PE são maioritariamente do concelho do Funchal, embora seja de referir que o IPE01 residiu fora da Região Autónoma da Madeira (RAM), em Angola, durante cerca de 3 anos. Todos têm nacionalidade portuguesa.

O tempo de residência dos informantes de PB na RAM varia de 3 meses a 25 anos, sendo que a maioria vive há 3 ou menos anos. O informante IPB01 reside há 25 anos na RAM, mas antes viveu em Aberdeen, na Escócia, e o informante IPB04 viveu em Vila real, Portugal. IPB01, IPB03 e IPB06 têm dupla nacionalidade, brasileira e portuguesa, os restantes, só brasileira.

Os informantes de PA são oriundos da Guiné-Bissau (3) e de Angola (3). O tempo de residência na RAM varia de 20 anos a 45 anos, mas IPA03 e IPA06 residiram anteriormente em Lisboa. Com a exceção de IPA01 e IPA06 que não responderam, os outros 4 informantes têm nacionalidade portuguesa.



Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de Alguém Léxico Gastronómico Português**

	Idade	Sexo	Localidade de nascimento	Nacionalidade	Tempo de residência na Madeira	Localidade de residência anterior	Escolaridade concluída
IPE01	73	F	Machico	Portuguesa	70 anos	Angola	4.º ano
IPE02	65	F	Madeira	Portuguesa			12.º ano
IPE03	35	M	Funchal	Portuguesa			9.º ano
IPE04	31	F	Funchal	Portuguesa	Desde sempre		Licenciatura
IPE05	29	F	Funchal	Portuguesa	Sempre		Licenciatura
IPE06	22	F	Funchal	Portuguesa	22 anos		Licenciatura
IPB01	56	M		Portuguesa Brasileira	25 anos	Aberdeen Escócia	Doutoramento
IPB02	51	F		Brasileira	2 anos		12.º ano
IPB03	40	F	Rio de Janeiro Brasil	Brasileira Portuguesa	3 anos	Rio de Janeiro Brasil	Licenciatura
IPB04	38	M	Capão Bonito São Paulo	Brasileira	11 meses	Vila Real Portugal	Doutoramento
IPB05	35	F	Belo Horizonte	Brasileira	3 meses e 15 dias	Belo Horizonte	Licenciatura
IPB06	35	F	Belo Horizonte Brasil	Brasileira Portuguesa	1 anos e 3 meses	Belo Horizonte Brasil	Doutoramento
IPA01	69	F	Benguela Angola		45 anos	Benguela Angola	12.º ano
IPA02	68	F	Angola	Portuguesa	41 anos	Cabinda Angola	9.º ano
IPA03	65	M	Guiné-Bissau	Portuguesa	19 anos	Lisboa	Licenciatura
IPA04	59	M	Guiné-Bissau	Portuguesa	20 anos	Guiné-Bissau	12.º ano
IPA05	57	F	Angola	Portuguesa			Mestrado
IPA06	57	M	Guiné-Bissau		20 anos	Lisboa	9.º ano

**Quadro 1: Dados sociolinguísticos dos informantes**

Na questão 2.1 do inquérito (apêndice 1) as respostas dividiram-se entre pão, biscoito e doce (quadro 2). Observamos que IPE01 mesmo sendo a informante mais velha de PE e residente na RAM há 70 anos respondeu pão. No conjunto dos informantes de PA destacamos a resposta do informante IPA01, porque apesar de residir há 45 anos na RAM ainda não usa o elemento lexical broa para se referir a um doce ou biscoito típico da RAM.

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de  
Algum Léxico Gastronómico Português**

	Broa é:
IPE01	Pão
IPE02	Biscoito
IPE03	Doce
IPE04	Biscoito
IPE05	Biscoito
IPE06	Doce
IPB01	Pão
IPB02	Bolo
IPB03	Biscoito
IPB04	Doce
IPB05	Bolo (tipo de bolo)
IPB06	Doce
IPA01	Pão
IPA02	Biscoito
IPA03	Pão
IPA04	Pão
IPA05	Pão
IPA06	Biscoito

Quadro 2: Respostas à questão 2.1 do inquérito (apêndice 1)

O quadro 3 expõe as respostas à questão 2.2 do inquérito (apêndice 1). A informante IPB05 respondeu canjiquinha, que é uma iguaria brasileira típica da zona de Minas Gerais, feita com milho triturado grosseiramente, que se considera ter origem num prato tradicional português, algarvio: o xarém. Observamos que parte dos informantes de PB, IPB02, IPB03 e IPB06, acrescentou à sua resposta fubá.

O termo "fubá" (termo do Brasil) encontra-se registada no *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora (2003), e trata-se de "farinha de milho ou de arroz para fazer o angu ou o infunde". Este vocábulo vem "do quimbundo fubá, com o significado de "farinha"". Também o *Dicionário Eletrónico Houaiss* diz que fubá (regionalismo do Brasil) é "farinha de milho ou de arroz com a qual se faz angu; fuba"; e acrescenta ainda que é um regionalismo do Nordeste do Brasil, de uso informal, querendo dizer, neste caso, "situação

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de Alguém Léxico Gastronómico Português**

confusa; desordem, rolo”. Este dicionário refere que “no Nordeste brasileiro pronuncia-se tb. *fuba*, que é a pronúncia generalizada em Angola e São Tomé e Príncipe”<sup>1</sup>.

Esta resposta mostra as influências do PA no PB, visto que fubá tem origem africana do quimbundo (falado em Angola) fuba, "farinha".

	Depois de moer os grãos do milho temos a:
IPE01	Farinha
IPE02	Farinha
IPE03	Farinha
IPE04	Farinha
IPE05	Farinha milho
IPE06	Farinha de milho
IPB01	Farinha
IPB02	Farinha de milho ou Fubá
IPB03	Farinha de milho ou Fubá
IPB04	Farinha de milho
IPB05	Canjiquinha
IPB06	Farinha de milho ou Fubá
IPA01	Farinha
IPA02	Farinha
IPA03	Farinha de milho
IPA04	Farinha de milho
IPA05	Farinha
IPA06	Farinha

Quadro 3: Respostas à questão 2.2 do inquérito (apêndice 1)

Nas respostas à questão 2.3 do inquérito (apêndice 1), verificamos que os informantes de PB responderam de forma diferente (vitamina) dos informantes de PE e PA (batido). Neste caso, notamos uma proximidade entre o PA e o PE, e o distanciamento lexical do PB (quadro 4).

<sup>1</sup> <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-significado-de-fuba/21049>, consultado em junho de 2019.

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de Alguém Léxico Gastronómico Português**

O uso do elemento lexical vitamina (mais associado a um estilo de vida saudável) em vez de batido é usado para fazer a distinção em relação a outra bebida, o milk-shake ou batido de leite. Este é feito de forma semelhante, mas, além de fruta fresca, são adicionados outros ingredientes como o gelado, a calda de chocolate ou fruta e/ou chantilly. IPB02 respondeu batida de fruta que é um outro termo encontrado em algumas receitas de batido no Brasil.

	Bebida preparada no liquidificador com leite e fruta
IPE01	Batido
IPE02	Batido
IPE03	Batido
IPE04	Batido
IPE05	Batido
IPE06	Batido
IPB01	Batido / Vitamina
IPB02	Batida de fruta
IPB03	Vitamina
IPB04	Vitamina
IPB05	Vitamina
IPB06	Vitamina de frutas
IPA01	Batido
IPA02	Batido
IPA03	Batido
IPA04	Niquita
IPA05	Batido
IPA06	Batido

**Quadro 4:** Respostas à questão 2.3 do inquérito (apêndice 1)

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de Alguém Léxico Gastronómico Português**

Nas respostas à questão 2.4 do inquérito (apêndice 1), não conseguimos obter dados linguísticos relevantes para esta investigação, dado que as respostas de todos os informantes são semelhantes (quadro 5).

	É uma bebida feita a partir de grãos torrados e moídos, preparada com água quente, contém cafeína e é consumida socialmente em quase todo o mundo.
IPE01	Café - café
IPE02	Café
IPE03	Café - bica
IPE04	Café - Queria um café, por favor.
IPE05	Café - Se faz favor uma bica.
IPE06	Café - Um galão, por favor.
IPB01	Café - Um café/ uma bica, por gentileza.
IPB02	Café - café preto ou café com leite
IPB03	Café - Média ou pingado
IPB04	Café - Puro e sem leite
IPB05	Café - Me dá um café
IPB06	Café - carioca de café ou chino
IPA01	Café - simples
IPA02	Café - garoto
IPA03	Café
IPA04	Café - se faz favor, podia me servir um garoto
IPA05	Café - bica
IPA06	Café camomila - um garoto

**Quadro 5:** Respostas à questão 2.4 do inquérito (apêndice 1)

Na questão 2.5 do inquérito (apêndice 1), pretendíamos testar o conhecimento dos informantes relativamente ao nome de uma bebida típica da RAM: a poncha. Procurámos saber se existiam semelhanças com outros pontos geográficos (NUNES, 2016), pois o cultivo da cana-de-açúcar é comum à Madeira, às Ilhas Atlânticas e ao Brasil e muita da mão-de-obra que trabalhava no plantio e na produção de derivados (como, por exemplo, a aguardente de cana) era oriunda de África (quadro 6).

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de Alguém Léxico Gastronómico Português**

	Existe na sua terra natal alguma bebida alcoólica tradicional preparada com aguardente, fruta e açúcar ou mel?
IPE01	Poncha - lima, aguardente e mel
IPE02	Poncha
IPE03	Poncha – aguardente sumo de limão <del>açúcar</del>
IPE04	Poncha – “caralhinho”, mel, limão
IPE05	Poncha – aguardente, mel, laranja e limão
IPE06	Poncha – aguardente, limão e mel, havendo outras variantes
IPB01	Caipirinha – limão, aguardente, açúcar e gelo <del>granizado</del>
IPB02	Caipirinha – limão, açúcar e pinga ou cachaça ou aguardente
IPB03	Caipirinha – Pode ser feita direto no copo, amassando a fruta com o açúcar e acrescentar gelo e cachaça (aguardente) ou misturar todos os ingredientes em uma coqueteleira.
IPB04	<del>Quentão</del> – aguardente, gengibre e açúcar
IPB05	Caipirinha – coloca-se a cachaça no copo acrescenta a fruta, o açúcar e amassamos
IPB06	<del>Caipirinha</del> – cachaça limão açúcar
IPA01	<del>Keip</del>
IPA02	<del>Mangevo</del> – com suco da palmeira
IPA03	
IPA04	Vinho de caju – (incompreensível) preparada com aguardente e fruta do caju
IPA05	<del>Quissangua</del> – água, milho fermentado e açúcar
IPA06	Licor de cana – mistura

**Quadro 6:** Respostas à questão 2.5 do inquérito (apêndice 1)

Encontrámos diversidade nas respostas consoante a origem geográfica dos informantes. Os informantes de PE oriundos da RAM responderam poncha e como ingrediente alcoólico da receita a aguardente. Os informantes de PB responderam maioritariamente caipirinha e referiram a cachaça como bebida alcoólica para a preparação. A palavra cachaça é proveniente do vocabulário afro-brasileiro, tem origem no quotidiano dos escravos africanos ligados aos processos de produção da aguardente de cana-de-açúcar (SEABRA, 2015). IPB04 usou o elemento lexical aguardente e mencionou uma bebida diferente dos outros informantes de PB, o quentão, que é preparado em algumas regiões do Brasil: pode ser feito com aguardente de cana-de-açúcar ou vinho e é

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de  
Algum Léxico Gastronómico Português**

---

servido quente. Os informantes de PA apresentaram grande diversidade nas suas respostas: IPA03 não respondeu e IPA04 usou o termo aguardente. Constatamos que as bebidas referidas, aquelas que conseguimos encontrar referência nos motores de pesquisa online, são típicas de cada uma das regiões geográficas dos informantes.

Neste inquérito, confirmámos que o regionalismo poncha é usado somente pelos madeirenses para designar uma bebida alcoólica tradicional, embora a receita e os ingredientes se assemelhem a outras bebidas preparadas em outros pontos geográficos.

No quadro 7, verificámos que, nas respostas à questão 2.6 do inquérito (apêndice 1), existe alguma variação dialetal consoante a origem geográfica dos informantes. O propósito desta questão era testar o conhecimento do elemento lexical dentinho, um regionalismo madeirense. Os informantes madeirenses IPE01 e IPE02, naturais da RAM, apesar de pertencerem a uma faixa etária acima dos 65 anos, responderam petisco e aperitivo, respetivamente, enquanto os informantes mais jovens usaram o regionalismo dentinho. As respostas dadas pelos informantes de PA estão linguisticamente próximas do PE e distantes do PB.

Os informantes de PB responderam tira-gosto. No *Dicionário Priberam* online encontramos a seguinte definição da palavra:

**ti·ra·-gos·to**

(forma do verbo tirar + gosto)

substantivo masculino

Aperitivo que se come fora das refeições ou a acompanhar uma bebida.

Plural: tira-gostos.

"tira-gosto", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/tira-gosto> [consultado em 25-06-2019].

Trata-se de um dado linguístico relevante que diferencia os falantes do PB dos informantes de PE e PA.

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de Alguém Léxico Gastronómico Português**

	Aos tremçoos, azeitonas, amendoins ou outras iguarias servidas num prato pequeno e que acompanham as bebidas chama-se
IPE01	Petisco
IPE02	Aperitivo
IPE03	Dentinho
IPE04	Dentinho
IPE05	Dentinho
IPE06	Dentinho
IPB01	Aperitivo / Dentinho / Tira-gosto
IPB02	Tira gosto ou Petiscos
IPB03	Petisco
IPB04	Tira gosto ou Aperitivo
IPB05	Aqui chamam de dentinho e no Brasil tira gosto
IPB06	Tira gosto ou Aperitivo
IPA01	Aperitivos
IPA02	Aperitivo
IPA03	Aperitivo ( <u>dentinho</u> )
IPA04	
IPA05	Aperitivo
IPA06	Petisco

**Quadro 7:** Respostas à questão 2.6 do inquérito (apêndice 1)

Nas respostas à questão 2.7 do inquérito (apêndice 1), não conseguimos recolher elementos linguísticos significantes para este estudo, visto que as respostas da maioria dos informantes são semelhantes (quadro 8), com a exceção das respostas dos informantes de PA, IPA01 e IPA02, naturais de Angola e que usam o termo fubá na sua resposta. Este facto vem reforçar a hipótese de que existe uma proximidade entre o PA e o PB, como já vimos anteriormente nesta análise. A resposta bolachão do informante IPB04, refere-se aos biscoitos típicos de algumas regiões do sul do Brasil que, pelos ingredientes e forma, se assemelham às broas típicas da RAM.



Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de Algem Léxico Gastronómico Português**

	Conhece algum bolo tradicional da sua terra natal feito com farinha, ovos, mel de cana (melado) e outros ingredientes?
<b>IPE01</b>	Bolo de mel
<b>IPE02</b>	Bolo de mel
<b>IPE03</b>	Bolo de mel
<b>IPE04</b>	Bolo de mel
<b>IPE05</b>	Bolo de mel
<b>IPE06</b>	Bolo de mel
<b>IPB01</b>	Bolo Madeira / Bolo inglês
<b>IPB02</b>	Não
<b>IPB03</b>	Não
<b>IPB04</b>	Bolachão
<b>IPB05</b>	Não
<b>IPB06</b>	Não
<b>IPA01</b>	Bolo de fubá
<b>IPA02</b>	Bolo de fubá
<b>IPA03</b>	Não sei
<b>IPA04</b>	Cumcutum
<b>IPA05</b>	Não
<b>IPA06</b>	Pudim

**Quadro 8:** Respostas à questão 2.7 do inquérito (apêndice 1)

O quadro 9 sintetiza as respostas dadas no grupo 3 do inquérito (apêndice 1). Nesta parte do questionário, o propósito era testar alguns elementos do léxico gastronómico madeirense e português.

Notamos que o elemento lexical pimpinela é usado tanto pelos informantes de PE como pelos de PA, mas os informantes de PB usam o termo chuchu. Chuchu e pimpinela são usados em Portugal continental. Em relação ao termo boganga, foi o que gerou maiores dúvidas nos informantes, pois a maioria não conhecia o legume. O regionalismo

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de Alguém Léxico Gastronómico Português**

semilha só foi usado pelos informantes de PE, os informantes de PA e PB usaram o mesmo termo batata. Bala destaca-se nas respostas dadas pelos informantes de PB, os outros informantes de PE e PA responderam maioritariamente rebuçado. Verificou-se, neste conjunto de respostas, o uso lexical de xícara, termo frequentemente usado no PB para se referir a chávena, mas que em PE é um arcaísmo. Este exemplo mostra que o PB conserva alguns arcaísmos do PE. O informante IPE05 também referiu xícara na sua resposta, mas a maioria dos informantes de PE não usa esse elemento lexical, assim como os informantes de PA.

	Pimpinela	Boganga	Semilha	Rebuçado	Chávena
IPE01	✓	✓	✓	✓	✓
IPE02	✓	moganga	batata	✓	✓
IPE03	✓	<del>aboganga</del>	✓	✓	✓
IPE04	✓	abóbora moura; <del>bogango</del>	✓	doces	✓
IPE05	✓	✓	✓	✓	chávena, xícara
IPE06	✓	✓	✓	rebuçados de arraial	✓
IPB01	chuchu pimpinela	boganga squash	semilha batata	rebuçado bala	chávena xícara
IPB02	chuchu	melão	batatinha	bala	xícara
IPB03	chuchu	melão	batata	bala	xícara
IPB04	chuchu	abóbora	batata	bala	xícara
IPB05	chuchu		batata	bala delícia	xícara
IPB06	chuchu	melão	batata	bala ou caramelo	xícara
IPA01	✓	<del>muganga</del>	batata	✓	✓
IPA02	✓	<del>muganga</del>	batata	bombom	✓
IPA03	✓	<del>buganga</del>	batata	✓	✓
IPA04	pimpinela <del>fregador</del>	melancia	batata	amêndoa	✓
IPA05	✓	<del>muganga</del>	batata	✓	✓
IPA06	✓	melancia	batata	✓	✓

**Quadro 9:** Respostas às questões do grupo 3 do inquérito (apêndice 1)

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de  
Algum Léxico Gastronómico Português**

---

## Conclusão

Observamos que alguns dos informantes que participaram neste estudo tiveram a preocupação de responder em função do espaço geográfico onde estão inseridos (RAM), o que dificultou a pesquisa.

Concluimos que os fatores externos, como o percurso histórico e os movimentos migratórios que ligam Portugal, o Brasil e os países africanos aqui estudados, se repercutem na variação geográfica do léxico gastronómico português.

Verificamos que existe uma proximidade entre o PB e o PA, mas que o PA, tendo em consideração o *corpus* em análise, parece não sofrer influências do PB, sendo mais recetivo ao PE. O PB conserva alguns arcaísmos do PE, resultado da distância geográfica e do afastamento político e sociocultural de Portugal, sobretudo a partir da independência do Brasil em 1822.

Seria necessário um *corpus* lexical maior e uma amostra mais abrangente para aferir o verdadeiro impacto da história e da geografia na variação sociocultural do léxico português ligado à gastronomia.

## Referências Bibliográficas

BANZA, Ana Paula & GONÇALVES, Maria Filomena (2018), *Roteiro de História da Língua Portuguesa, UNESCO Chair in Intangible Heritage and Traditional Know-How: Linking Heritage, Universidade de Évora*. Disponível em: [http://www.catedra.uevora.pt/unesco/index.php/unesco\\_pt/content/view/full/2988](http://www.catedra.uevora.pt/unesco/index.php/unesco_pt/content/view/full/2988) (consultado a 12 de junho de 2019).

BAZENGA, Aline (2016), *Dialetologia*. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/303518840\\_Dialetologia](https://www.researchgate.net/publication/303518840_Dialetologia) (consultado a 27 de abril de 2019).

CASTILHO, Ataliba (1972-1973), "Rumos da dialetologia portuguesa", *Alfa*, 18/19, pp. 115-153. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3512/3285> (consultado a 27 de abril de 2019).

CASTRO, Ivo (2004), *Introdução à História do Português. Geografia da Língua. Português Antigo*, Lisboa: Colibri.

CASTRO, Ivo (1993), "Geografia e História da Língua Portuguesa", *Noesis*, 26, pp. 23-25.

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de  
Algum Léxico Gastronómico Português**

---

MARTINS, Ana Maria (2003), "Variação e Mudança no Português", *A Língua Portuguesa: Actas dos IX Cursos Internacionais de Verão de Cascais*, Cascais: Câmara Municipal de Cascais e Instituto de Estudos Sociais, pp. 29-44. Disponível em: [http://www.clul.ulisboa.pt/files/ana\\_maria\\_martins/MartinsVariacaoMudanca.pdf](http://www.clul.ulisboa.pt/files/ana_maria_martins/MartinsVariacaoMudanca.pdf) (consultado a 9 de junho de 2019).

MATEUS, Maria Helena Mira (2010), "Uma Política de Língua para o Português", *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto: APL, pp. 73-78.

MATEUS, Maria Helena Mira (2008), *A Difusão da Língua Portuguesa no Mundo*, FLUL: ILTEC. Disponível em: [http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/01\\_31.pdf](http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/01_31.pdf) (consultado a 27 de abril de 2019).

MATEUS, Maria Helena Mira (2005), "A mudança da língua no tempo e no espaço", Mateus & Bacelar (orgs.), *A Língua Portuguesa em Mudança*, Lisboa: Editorial Caminho.

MATEUS, Maria Helena Mira (2003), "Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreende que uma língua viva em diferentes culturas?", *Revista de Letras*, 25 (1/2), pp. 84-89. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl25Art14.pdf> (consultado a 12 de junho de 2019).

MATEUS, Maria Helena Mira (2002), *Variação e variedades: o caso do Português*, Maputo. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2002-mhmateus-variacao.pdf> (consultado a 12 de junho de 2019).

NUNES, Naidea Nunes (2016), "A cultura Açucareira e a Alimentação: Património Linguístico e Cultural Comum das Ilhas Atlânticas e do Brasil", Pinheiro, Joaquim e Soares, Carmen (orgs.), *Patrimónios Alimentares d'Aquém e Além-Mar*, Série DIAITA, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 239-264.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (2015), Cachaça: cultura, origem, variações. *Estudos Linguísticos e Literários*, 52, Salvador. pp. 3-26.

SOUZA, Adriano, SIMIONI, Taíse & BOPP DA SILVA, Taís (2018), "A noção de norma, a variação linguística e a formação de professores: entre a sociolinguística e uma «linguística da tolerância»", *Revista Soletras*, 35, pp. 28-54. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/download/32150/24672> (consultado a 12 de junho de 2019)

TEYSSIER, Paul (2001), *História da Língua Portuguesa*, tradução de Celso Cunha, São Paulo: Martins Fontes.

### **Fátima Marília Góis de Sousa**

Licenciada em Ciências da Comunicação: ramo de Publicidade e Relações Públicas, em 2006, pela Universidade da Beira Interior. Mestranda em Linguística: Sociedades e Culturas, na Universidade da Madeira.

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de  
Alguns Léxicos Gastronómicos Portugueses**

## Apêndice 1



UNIVERSIDADE da MADEIRA  
Faculdade de Artes e Humanidades  
Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas

### INQUÉRITO

Este inquérito será unicamente utilizado num trabalho de investigação académica sobre a variação linguística do Português Europeu. Por favor, responda com sinceridade às questões, o tratamento dos dados é anónimo e confidencial.

Autorizo o uso dos dados para investigação académica:  Sim      Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_  
 Não

#### 1. Dados pessoais

Nome (opcional):	
Data de nascimento:	Sexo:
Localidade de nascimento:	Nacionalidade:
Há quanto tempo reside na Região Autónoma da Madeira:	
Localidade de residência anterior:	
Escolaridade concluída:	
<input type="checkbox"/> 4.º ano <input type="checkbox"/> 9.º ano <input type="checkbox"/> 12.º ano <input type="checkbox"/> Licenciatura <input type="checkbox"/> Mestrado <input type="checkbox"/> Doutoramento	

#### 2. Léxico gastronómico

##### 2.1 Assinale com um X a sua resposta. Broa é:

Pão     Doce     Bolacha     Biscoito     Não Sei

Outro. Qual? \_\_\_\_\_

2.2 Depois de moer os grãos do milho, temos a \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

##### 2.3 Bebida preparada no liquidificador com leite e fruta.

Que bebida é? \_\_\_\_\_

##### 2.4 É uma bebida feita a partir de grãos torrados e moidos, preparada com água quente, contém cafeína e é consumida socialmente em quase todo o mundo.

É o \_\_\_\_\_

Como pede o seu? \_\_\_\_\_

##### 2.5 Existe na sua terra natal alguma bebida alcoólica tradicional preparada com aguardente, fruta e açúcar ou mel?

Sim    Qual? \_\_\_\_\_    Como é feita? \_\_\_\_\_

Não

Fátima Marília Góis de Sousa | **Breve Estudo Sobre a Variação Geográfica e Sociocultural de  
Alguns Létricos Gastronómicos Portugêses**

---

2.6 Aos tremoços, azeitonas, amendoins ou outras iguarias servidas num prato pequeno e que acompanham as bebidas chama-se \_\_\_\_\_

2.7 Conhece algum bolo tradicional da sua terra natal feito com farinha, ovos, mel de cana (melado) e outros ingredientes?

- Sim Qual? \_\_\_\_\_
- Não

3. Identifique os produtos e objectos nas imagens.

3.1



1

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3.2



(Não é abóbora, melancia ou curgete)

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3.3



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3.4



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3.5



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Obrigada pela sua colaboração.

<sup>1</sup> Todas as imagens utilizadas são originais e pertencem à autora do questionário, Marília Sousa, e a Alexandra Nunes, alunas do 1.º ano do mestrado de Linguística: Sociedades e Culturas, ano lectivo 2018/2019.